

corpo e auto-estima; atração hetero, homo e bissexual; família; amizade; amor; namoro e relacionamentos eventuais; casamento e união estável; paternidade/maternidade; valores; decisões, comunicação; assertividade; negociação; busca de ajuda; sexualidade ao longo da vida; masturbação; vida sexual compartilhada; desejo e prazer sexual; métodos anticoncepcionais; aborto; doenças sexualmente transmissíveis e infecção por HIV; prática de sexo protegido; abuso sexual; saúde reprodutiva; sexualidade e sociedade, relações de gênero; direito e cidadania; sexualidade, religião, mídia e artes

Trata-se de uma obra com cuidadoso rigor metodológico. Além de pretender expor conceitos referentes a orientação sexual, incita o leitor a aprofundar-se sobre o assunto, tendo como ponto de partida uma extensa e bem selecionada bibliografia.

A sexualidade - um dos tabus da sociedade brasileira - e seus preconceitos são abordados correntemente do início ao fim do *Guia*. Em momento algum torna-se panfletário ou normatizador, apenas ressaltando que "na sociedade existe diversidade de atitudes e comportamentos sexuais; algumas pessoas são discriminadas devido à forma pela qual expressam sua sexualidade" e "Todas as pessoas deveriam receber um tratamento igual e justo".

Não temos dúvida de que este *Guia* deve nortejar os trabalhos de orientação sexual nas escolas brasileiras. Muito contribuirá para um Brasil do futuro mais digno e realmente democrático, no sentido mais amplo e abrangente deste conceito.

ARNALDO DOMINGUEZ ■  
WILTON GARCIA ■

## Honra feita de sexo

**Honradas e Devotas:** mulheres da colônia, condição feminina nos conventos e recolhimentos no Sudeste do Brasil, 1750-1822.

ALGRANTI, Leila Mezan.

Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/EdUnB, 1993.

Depois de iluminar vinte anos do complexo e mal conhecido cotidiano de escravos no meio urbano do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX, Leila Mezan Algranti leva-nos a cruzar outro tema inédito na História do Brasil. Em *Honradas e Devotas Mulheres da Colônia* nos faz olhar por cima dos altos muros que cercavam conventos e recolhimentos em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, na segunda metade do século XVIII. E aí, o que vemos?

Muito mais do que a simples descrição das formas de religiosidade que pautavam as vidas femininas. Vemos, sim, graças a um texto denso e preciso, como funcionava o fenômeno da reclusão doméstica e institucional na sociedade colonial, quais as condições de vida das mulheres nestes espaços, qual o significado de instituições deste tipo no Brasil colonial. Manuseando com extrema habilidade fontes variadas - registros de entrada na instituição, concessão de dotes pela Santa Casa, correspondência da polícia e do

Conselho Ultramarino, processos de noviciado, inventários e testamentos - Leila foge com grande habilidade de fazer uma história puramente institucional, revelando-nos recolhimentos e conventos que surgem, contrariamente ao desejo da Coroa portuguesa, como fruto da necessidade dos colonos em criar locais seguros para a preservação da honra feminina e que acabavam por tornar-se espaços devocionais e correccionais.

A história destas vidas aparentemente silenciosas começa longe, no início do cristianismo, com as virgens consagradas vivendo em comunidades femininas isoladas. Do surgimento da clausura, entre os séculos XI e XIII, às transformações impostas pelo Concílio de Trento, ao encerramento de "órfãs, mendigas e decaídas", a historiadora nos revela os diferentes momentos da vida claustral pelos olhos de Joana de Portugal, beata, santa e "mulher amorosa" ou de Jacinta de Jesus, membro piedoso das elites cariocas setecentistas. Ambas permitem-lhe apresentar ao leitor as singulares condições sociais em que floresceu a vida religiosa feminina em Portugal, e depois no Brasil, entre os séculos XV e XVIII.

Com enorme competência e graça, a historiadora convida a conhecer a população dos conventos, a partir de processos de mulheres que haviam infringido as normas da época (adúlteras, seduzidas, prostituídas, rebeldes) realiza um estudo sobre o ideal da honra feminina. Quem eram as **honradas**, as

**desonradas** e as mulheres **sem honra** que passavam suas vidas no claustro? Para responder a tais questões, faz uma análise sobre o gênero, mostrando as especificidades do que era então considerada a **honra feminina** - conotada sexualmente, pois as solteiras associavam-na à defesa da virgindade, e as casadas, à fidelidade conjugal - diferentemente daquela masculina, associada ao heroísmo e à coragem. Ao examinar as populações que viviam em clausura, Leila aproveita para discutir e repensar os estereótipos comumente utilizados pela historiografia sobre a rebeldia ou a submissão da mulher, na sociedade colonial. Seu interesse não é, contudo, o de ficar perseguindo os padrões da historiografia, mas, sim, de recuperar experiências múltiplas, dando-lhes consistência por meio de farta documentação, do recorte cronológico preciso e do recurso da narrativa saborosamente empregado.

Na última parte do trabalho, debruça-se sobre o cotidiano das mulheres, suas regras, formas de sociabilidade, práticas devocionais e etapas de aprendizado e educação. A questão da sociabilidade feminina ganha musculatura, pois a autora lhe investe de importante significado: trata-se de uma significativa expressão da cultura feminina do período. A sociabilidade é também o espelho das possibilidades de convivência, de solidariedade e de práticas sociais, aparentemente incompatíveis com o rigor de um mundo silencioso e fechado sobre si mesmo. Se os momentos da vida comunitária deviam ser regidos por normas estritas e pontuais, a sociabilidade exprimia a capacidade de as mulheres romperem com a rigidez de tais regras, adaptando-as e modelando-as à imagem e semelhança de um universo feminino que as aproximasse do

mundo exterior. Ao recriar laços afetivos e desenvolver uma série de atividades características da cultura feminina - fazer doces ou arranjos de flores, bordar etc. - as mulheres inovavam e recriavam a bagagem que haviam trazido de fora do convento. Houve, todavia, aquelas que romperam definitivamente com o "século", mergulhando no ideal traçado pelos livros de devoção: são as místicas, as visionárias à procura do despojamento das coisas mundanas, em busca de Deus e só d'Ele.

Ao lado desse universo de velas, murmúrios e orações, vicejavam as conversas nas grades, o burburinho dos refeitórios, a azáfama de escravas que em nada lembravam os votos de pobreza, as visitas e os ricos enxovais, nos quais não faltavam ligas, meias e lenços.

Espaço de múltiplas funções para a mulher, conventos e recolhimentos permitiam a ela uma revanche contra a sociedade androcêntrica e patriarcal do Brasil Colônia: aí se fugia de maridos violentos e vingativos, aí se desenhava a possibilidade de exercer uma vida autônoma, distante dos rigores da família e da sociedade, aí se exerciam formas de poder graças aos cargos de chefia, aí recebia-se um mínimo de instrução ou permitia-se florescer uma autêntica vivência espiritual.

Fazendo História, surpreendendo, informando, emocionando, Leila Mezan Algrant nos brinda com um trabalho que não é apenas mais um livro, é um dos melhores livros escritos sobre História do Brasil Colonial - e da Mulher - nos últimos anos.

MARY DEL PRIORE ■